

VIOLA BRAVA



PAULO FREIRE ELETRIFICA A VIOLA E MOSTRA O PESO DO SERTÃO

David Hepner

Os dois primeiros discos-solo de Paulo Freire, *Rio Abaixo e São Gonçalo*, caracterizam-se pelas violas de som limpo e por repertórios voltados para a música caipira. Em seu terceiro álbum, *Vai Ouvindo*, Paulo surpreende. Estão presentes os *causos*, poemas e toques que fazem parte da

formação do músico como violeiro, mas ele aplicou efeitos de distorção e delay no tradicional instrumento do sertão, criando sonoridades inusitadas. O repertório também é inovador. Mostra as influências jazzísticas e roqueiras de Freire, em arranjos que trazem belas harmonias e passagens pesadas se comparadas à calma e singeleza da músi-

ca caipira. Uma das surpresas é a interpretação na viola de cocho de *Round Midnight* (Thelonious Monk/Cootie Williams/Bernie Hanighen), além da meio rap *Andei, Andei*, do repente *Diz o Novo Testamento* e das microfônicas hendrixianas de *Conselheiro*.

Paulo Freire lançou também o CD *Brincadeira de Viola*, que apresenta músicas infantis. Não

pense tratar-se de um disco para crianças, os arranjos emocionam qualquer adulto. Nessa entrevista, o violeiro fala sobre seus dois novos trabalhos.

.....

Quando decidiu eletrificar e colocar efeitos na viola?

Um dos motivos foi uma

Paulo Freire

viagem com o grupo Anima a Chicago, onde visitei clubes de blues. Em um deles, bem tradicional, os músicos faziam celebrações parecidas com as Folias de Reis daqui. Há uma grande semelhança do blues com a viola brasileira – os grandes rios, o trabalho no campo – e vi isso com muita força nesse clube. Em uma música, que durou quase meia hora, a cantora ficou interagindo com as pessoas, que cantavam junto com ela. Na Folia de Reis, depois que os músicos tocam e cantam, eles chamam as pessoas que estão em volta para participar, dançando o quatro e o lundu, assim como fez a cantora de blues. São estilos diferentes, mas ambos têm uma função mais social e sem visão de mercado. É uma energia muito grande.

Em outro clube de Chicago, fiquei impressionado com o revezamento dos músicos nos instrumentos – passavam da bateria para a guitarra, baixo, piano. Eles não se limitavam a um estilo, iam do blues ao funk e ao jazz, com muito volume. Outro motivo foi o show do Anima no Rock in Rio, em 2001. Em termos sonoros, foi um fiasco. Percebi que eu tinha de aumentar o volume para as pessoas ouvirem melhor a viola.

Divulgação



“O sertanejo tem um lado pesado, de enfrentar a seca e resolver problemas no facão, fazer a própria lei. Eu queria dar voz ao sertanejo bravo, por isso resolvi amplificar a viola”.

Uma de suas intenções em Vai Ouvindo foi ampliar o universo da viola?

Não foi essa minha idéia. As músicas de viola têm um lado contemplativo e calmo, o caipira olha a natureza e a leva para dentro da viola. Mas há uma face mais pesada do sertanejo,

de enfrentar a seca e resolver problemas no facão, fazer a própria lei. Eu queria dar voz ao sertanejo bravo, por isso resolvi amplificar a viola. Não pensei em aumentar o público, até porque isso é uma faca de dois gumes. O público tradicional de viola talvez não goste desse disco.

O álbum mostra ecletismo musical, da música do campo ao jazz...

Essa variedade vem de minha formação, estudei jazz e toquei guitarra. Ouvi muito Jimi Hendrix e Pink Floyd. Meu primeiro disco, **Rio Abaixo**, é voltado para a viola do sertão; o segundo, **São Gonçalo**, é viola pura, mas já traz experiências diferentes. **Vai Ouvindo** contém uma viola mais entortada.

Como gravou as violas com efeitos?

Registrei no estúdio do Mário Manga. Eu dava referências inusitadas a ele. Por exemplo, na faixa **Conselheiro**, eu disse que queria um timbre de viola que pareça “Jimi Hendrix sentado em um jegue chegando em Canudos”.

Em **Bom Jesus da Lapa**, pedi algo “David Gilmour numa quermesse jogando argolas”. Em **Todo do Mundo**, que tem uma viola mais pesada no fim, imaginei Led Zeppelin.